



Newsletter

Nesse mês de conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), trazemos relatos emocionantes da equipe Gabriela sobre o trabalho diário com nossas crianças atípicas e típicas, mostrando que cada avanço, cada sorriso e cada gesto de afeto são conquistas valiosas. Além de dicas de filmes, um pouco do dia 02 de abril e a educação inclusiva.

Juntos, seguimos construindo um espaço onde cada criança é acolhida em sua singularidade e estimulada a crescer com dignidade, alegria e amor.

Histórico

2 de Abril – Um Dia Mundial pelo Autismo: Consciência em Azul para os 365 dias do ano.

Você já prestou atenção, que monumentos importantes ao redor do mundo se iluminam com a cor azul em 2 de abril? Sabe por quê? Essa iniciativa encantadora faz parte da campanha global criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2007 com o objetivo de celebrar o Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo.

A data é um convite para a sociedade olhar com mais empatia e responsabilidade para o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). É um chamado à inclusão, ao respeito às diferenças e ao apoio às famílias e às pessoas com autismo, promovendo um mundo mais acessível e justo para todos.

Monumentos com a Torre Eiffel, em Paris, o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro e o Convento da Penha, no Espírito Santo, já participaram dessa ação simbólica, banhados pelas luzes azuis que representam serenidade, acolhimento e esperança. Neste mês de abril e em todo ano, o Centro de Educação Comunitária Gabriela Feliz reafirmar seu compromisso com a inclusão de todas as crianças, trabalhando com equidade, buscando o desenvolvimento de cada um de forma justa, valorizando suas singularidades, incentivando o desenvolvimento com afeto e dignidade.



A educação Inclusiva

A educação especial inclusiva foi desenvolvida no C.E.C. Gabriela Feliz tem como base as orientações em suas ações nos fins da educação nacional, previstas no art. 2º e no artigo 3º, inciso I, da Lei Federal - LDB 9394/96, em consonância com a Política Pública de Educação Especial Inclusiva da Rede Municipal do Recife, através do decreto municipal nº 46.309/2023.

No centro, trabalhamos com equidade, a fim de garantir a aprendizagem e o desenvolvimento integral de cada criança, de forma a oferecer a mesma oportunidade com atenção individualizada. Baseando-se na proposta construtivista, com o objetivo de levar a criança a explorar e descobrir todas as possibilidades do seu corpo, das relações e dos espaços, e, através disso, desenvolver sua capacidade de observar, descobrir e pensar, primando pelos aspectos de desenvolvimento cognitivo, emocional, social e cultural da Política da Rede Municipal do Recife, as atividades são planejadas para inserir o conteúdo a ser trabalhado dentro do objetivo a ser alcançado pela escola.

Desenvolvemos ações pedagógicas a fim de garantir os direitos das crianças, público-alvo da educação especial, como acesso ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), à dieta especial nas refeições da escola, atividades adaptadas quando necessário, uma rotina visual em sala de aula, utilização de materiais concretos, tecnologias assistivas, atividades diferenciadas e trabalho em parceria entre as educadoras regulares, do AEE, as estagiárias de apoio educacional e as famílias.

Acreditamos sempre na potencialidade de cada criança e que a união é a chave para o sucesso dos alunos.



Fizemos uma seleção de filmes inclusivos (Autismo) para vocês:

- O contador (2016);
- Um certo olhar (2007);
- Um elo de amor (2015);
- Uma lição de amor (2002);
- A história de Luck (2012);
- O cérebro de Hugo (2012);
- O farol das orcas(2016);
- Tudo que quero(2018);
- Arthur e o infinito (2012);
- Um time especial(2011);
- O jogo da Imitação(2014);
- Autismo: o musical(2007);
- Tão perto e tão forte (2011);
- Meu nome não é Rádio (2003);
- Em um Mundo Interior (2017);
- Um menino chamado Po (2016);
- Uma Viagem Inesperada (2004);
- No espaço não existem sentimentos (2010);
- Missão Especial ou Uma Viagem Inesperada(2004).



Finalizando nosso jornalzinho, gostaríamos de trazer para vocês um bate-papo com o aprendizado e cotidiano dos nossos profissionais na escolinha Gabriela Feliz.

"Para mim, trabalhar com crianças atípicas é algo natural. Eu não vejo diferença nenhuma.

No começo, quando elas chegam à escola, é perceptível o quanto mudam com o tempo. As atividades e o cuidado diário fazem uma grande diferença. Já vivenciei casos de crianças que chegavam gritando, agitadas, e hoje estão mais calmas, brincando tranquilamente.

Um momento marcante para mim foi com um aluno . Ele chegou correndo, me chamando com alegria: 'Tiooo, tiooo, tiooo!', e veio me abraçar e dar um beijo. Isso me tocou profundamente.

Acho muito importante esse trabalho de inclusão. Aqui, ninguém é tratado como diferente e isso é fundamental para o desenvolvimento de todos.

O meu maior aprendizado foi entender, na prática, que não existe diferença entre uma criança e outra. Antes de trabalhar aqui, eu nunca tinha parado para pensar sobre isso. Ver de perto, todos os dias, me fez aprender muito. Ampliou meu olhar e meu entendimento sobre o assunto."

- Alef Alves (zelador)

"Temos um sentimento constante de cuidado, responsabilidade e também um pouco de medo, medo de errar, de não atender às necessidades específicas de cada criança. Tentamos sempre preparar os alimentos com carinho, pensando no bem-estar delas, para que nenhuma fique sem comer. E, muitas vezes, somos surpreendidas positivamente: as crianças aceitam alimentos que, em teoria, não estavam no seu cardápio especial.

Vejo um desenvolvimento muito bonito em cada uma delas. Um exemplo é uma criança que chegou ainda no G3 e, hoje no G5, já fala mais, se expressa, reclama, brinca... É gratificante ver esse progresso.

Um momento que me marcou foi ver um aluno aceitar, de forma espontânea, um alimento fora da sua dieta habitual algo que eu jamais imaginava que aconteceria.

Aprendi, acima de tudo, que nenhuma criança é igual à outra, e que precisamos respeitar suas individualidades todos os dias."

- Andreza Paes (Merendeira)

“Já estou no meu terceiro ano no G3 e, em todos eles, tivemos crianças com laudos. Me recordo do primeiro ano: chegou uma criança com muita dificuldade de aceitação, não queria contato com ninguém. Mas, com o tempo, foi se tornando sociável, tanto com os adultos quanto com as outras crianças.

No segundo ano, veio um novo desafio: dois alunos autistas, cada um com sua personalidade. Já neste ano, temos mais dois, também com jeitos muito próprios. A cada ano, é um desafio diferente.

O desenvolvimento deles é muito visível. Eles chegam travados, às vezes não querem nem sentar, nem aceitar a comida servida só com prato específico. Mas, com o tempo, vamos notando a evolução. Um exemplo marcante deste ano é um aluno que, no início, não respondia ao nome. Hoje, ele responde e até olha nos nossos olhos.

Na nossa sala, o trabalho de inclusão é feito com naturalidade: deixamos que eles fiquem à vontade e se desenvolvam no seu ritmo. Não fazemos atividades diferentes todos participam das mesmas propostas, e eles vão se desenrolando.

O maior aprendizado é pessoal. A gente descobre que consegue ter um olhar diferente, aprende a confiar no processo. Às vezes, achamos que não vamos dar conta, mas damos. Este ano, especialmente, está sendo o maior desafio tanto com as crianças quanto com os pais”.

Angela Mota (Auxiliar de Sala)

“Eu observo muito o comportamento deles. Não foco apenas nas crianças atípicas, deixo todos bem à vontade para poder observar melhor a oralidade, os movimentos repetitivos, o olhar, o relacionamento com os coleguinhas e com os adultos. Eu, como professora, junto com a auxiliar, percebemos, por exemplo, como apenas o abrir de uma porta já muda o comportamento de alguns. Tudo isso chama atenção. Tratamos todos com igualdade e respeito.

O desenvolvimento aparece no dia a dia, nas atividades lúdicas, no simples gesto de pegar um pincel ou um lápis. Um momento marcante foi quando uma criança atendeu pelo nome e olhou para a câmera para tirar uma foto ou quando outra conseguiu pegar o lápis pela primeira vez e sentar com mais tranquilidade. Cada conquista, por menor que pareça, é uma grande vitória. A gente vai conversando, orientando, incentivando.

A pedagoga tem um olhar para todos, mas para os atípicos é um olhar ainda mais atento. Com a inclusão, aprendemos a respeitar o tempo de cada um. É esse cuidado que faz a diferença.

O trabalho diário de inclusão acontece na ludicidade, no brincar, na interação social entre eles. E o maior aprendizado é justamente isso: ver a socialização acontecendo. Eles chegam caladinhos, mais no cantinho, e, passo a passo, começam a brincar, a interagir. A partir do momento que eles socializam... ah, aí eles vão que vão mesmo! É lindo de ver!”

- Debora de Paula (educadora do G3)

“É maravilhoso, mas requer muita atenção e paciência. É preciso estar sempre inovando nas atividades com eles, pois tem situações que eles desenvolvem muito apego por certos objetos ou rotina.

Percebemos o desenvolvimento deles no dia a dia, principalmente na relação entre professor e aluno. É visível a evolução de uma criança no convívio com os colegas e na conquista da autonomia em pequenas tarefas.

As atividades diárias, especialmente as que trabalham a coordenação motora, fazem toda a diferença.

O maior aprendizado é entender que cada dia traz um novo desafio, com coisas diferentes e interessantes para eles. Isso exige criatividade, sensibilidade e muito amor.”

Edivane Bião (Coordenadora Pedagógica)

“É aprender todos os dias e lidar com os desafios. É nos gestos, olhares, atitudes e nos comandos dados que percebemos quando eles começam a agir com autonomia.

Lembro com emoção do momento em que uma criança atendeu e realizou um comando. Fiquei tão feliz... foi uma grande emoção!

A inclusão começa na escuta e no respeito às diferenças, com ações planejadas de acordo com as necessidades específicas de cada estudante.

Aprendi a ser uma pessoa mais flexível, respeitando quem a criança é, e não apenas quem se espera que ela seja, valorizando cada avanço conquistado.”

Gleice Costa (Educadora AEE)

“Estagiar com crianças atípicas é um desafio.

Falando do período de fevereiro até abril, já percebo um grande desenvolvimento. Um exemplo é uma criança que, no início, tinha muita dificuldade para sentar-se na hora da meditação, e hoje já participa, senta e segue a rotina. Vejo que, mesmo nesse pouco tempo, elas vêm avançando bastante. As crianças que antes não se relacionavam agora se aproximam e brincam com os colegas.

O momento mais marcante foi com uma criança que, por muito tempo, se desregulava com frequência. Fizemos de tudo para ajudá-la a se acalmar, e mesmo com apoio constante, era difícil. Com o passar dos meses, no fim do ano passado, já estava mais tranquila, e neste ano não apresenta mais aqueles episódios. Foi muito gratificante ver essa transformação.

O trabalho diário de inclusão consiste em envolvê-los em todas as atividades, trazendo-os para o centro das ações. Estar ao lado, tentar junto, incentivar, isso ajuda no desenvolvimento e na autonomia deles.

O maior aprendizado é aprender a entender. Colocar-se no lugar da criança, perceber suas dificuldades e necessidades, exercer a empatia. É saber reconhecer e respeitar suas limitações, e buscar formas reais de apoiar cada uma delas.”

Maria Eduarda Martins (estagiária)